

A expressão variável do modo imperativo nas cidades de Feira de Santana-BA e Campinas-SP: um estudo comparativo

The Variable Expression of The Imperative Mode in The Cities of Feira de Santana-BA and Campinas-SP: A Comparative Study

Joana Gomes dos Santos
Figuereido
Universidade Estadual de Feira de Santana
(UEFS) | Feira de Santana | BA | BR
jgsfiguereido@uefs.br
<https://orcid.org/0000-0003-4237-218X>

Resumo: Pesquisas sobre a variação linguística do modo imperativo (Oliveira, 2017; Sampaio, 2001) apontam que a forma indicativa (pega) predomina na fala de brasileiros nas capitais do Sudeste, enquanto a forma subjuntiva (pegue) ocorre com mais frequência nas capitais do Nordeste, evidenciando uma variação geográfica. Este artigo, baseado na metodologia variacionista laboviana, objetiva mapear o uso das formas imperativas (subjuntivo ~ indicativo) nas cidades interioranas de Campinas e Feira de Santana, áreas ainda não exploradas em estudos sobre o imperativo. Para isso, realizou-se um experimento com 72 participantes, estratificados por sexo/gênero, idade, escolaridade e localidade, usando cenas de diálogos com balões vazios que os participantes preencheram com respostas adequadas à situação. Os resultados, de forma geral, revelam que os campineiros usam predominantemente as formas imperativas com morfologia de indicativo (81%), diferentemente dos feirenses (47%), destacando uma diferença regional.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista; imperativo; português baiano; português paulista.

Abstract: Research on the linguistic variation of the imperative mood (Oliveira, 2017; Sampaio, 2001) show that the indicative form (pega) predominates in the speech of Brazilians in the capitals of the Southeast, while the subjunctive form (pegue) occurs more frequently in the capitals of the Northeast, showing a geographical variation. This article, based on the Labovian



variationist methodology, aims to map the use of imperative forms (subjunctive ~ indicative) in the interior cities of Campinas and Feira de Santana, areas not yet explored in studies of imperative. To do this, an experiment was realized with 72 participants, stratified by sex/gender, age, education and location, using dialogue scenes with empty balloons that participants filled in with responses appropriate to the situation. The results, in general, reveal that Campinas residents predominantly use imperative forms with indicative morphology (81%), differently of Feirenses (47%), showing a regional difference.

Keywords: variationist sociolinguistics; imperative; Bahia portuguese; São Paulo Portuguese.

1 Introdução

No português brasileiro, estudos sobre a variação linguística do modo imperativo (Cardoso, 2009; Oliveira, 2017; Oliveira, 2023; Sampaio, 2001; Scherre, 2004) indicam que a forma indicativa é predominante na fala de brasileiros das regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Em contrapartida, a forma subjuntiva do imperativo é mais comum na região Nordeste, demonstrando uma variação geográfica dessa variável.

De maneira geral, essas pesquisas se concentram nas capitais brasileiras, evidenciando a necessidade de mapear as cidades do interior para compreender os padrões de variação das formas imperativas (subjuntivo ~ indicativo) em todo território brasileiro e identificar os fatores que condicionam o uso de uma ou outra forma variante.

Diante dessas questões, este estudo tem como objetivos (i) analisar a produção sociolinguística das formas de imperativo em duas comunidades, uma no Nordeste – Feira de Santana-BA – e outra no Sudeste – Campinas-SP – para entender como ocorre a variação entre as formas com morfologia indicativa e subjuntiva, e (ii) comparar os resultados de produção linguística entre os falantes de Feira de Santana-BA e Campinas-SP, identificando os contextos linguísticos e sociais que influenciam o uso das variantes.

Para essa investigação¹, foram coletados dados nas cidades de Feira de Santana-BA e Campinas-SP. Ambas são importantes entroncamentos rodoviários que impulsionam a dinâmica econômico-social nas áreas agropecuária, comercial e industrial, e são cidades interioranas cujos usos do imperativo ainda não tinham sido descritos e analisados.

Devido à dificuldade de capturar as formas imperativas em entrevistas sociolinguísticas, elaborou-se um experimento com quadrinhos para registrar essas formas. As cenas

¹ A pesquisa foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado, conforme CAAE nº 80654817.0.0000.8142.

foram criadas de modo a incluir as variáveis linguísticas que se desejava analisar: Situação Comunicativa (ordem, pedido, instrução); Tipo de Relação (simétrica, assimétrica); Saliência do Verbo (+saliente, \pm saliente, -saliente). Todas as cenas mostravam um diálogo entre dois interlocutores com um balão vazio, que foi preenchido oralmente pelos participantes da pesquisa.

Após a coleta e codificação, os dados foram submetidos a testes estatísticos em análises de regressão logística de efeitos mistos (Baayen, 2008; Levshina, 2015; Oushiro, 2022), com a inclusão de verbo e participante como variáveis aleatórias na plataforma R (R Core Team, 2023), além das variáveis sociais (Faixa Etária, Sexo/Gênero, Escolaridade, Localidade) e linguísticas (Situação Comunicativa; Tipo de Relação; Saliência do Verbo).

Os resultados gerais indicam que os falantes de Campinas usam predominantemente as formas imperativas com morfologia de indicativo (81%), enquanto em Feira de Santana essa preferência é de 47%. Em Campinas, observa-se uma mudança em progresso mais avançada para as formas indicativas, especialmente favorecida pela situação comunicativa de pedido. Em Feira de Santana, embora a forma subjuntiva seja mais frequente, também se nota uma mudança em direção à forma indicativa, liderada por falantes com menor escolaridade e favorecida pela situação comunicativa de pedido e por verbos menos salientes.

Essas informações são desenvolvidas neste artigo ao longo de quatro seções, além da introdução. A primeira seção revisa estudos que investigaram o uso variável do modo imperativo em diferentes regiões do Brasil. Em seguida, a segunda seção descreve detalhadamente o processo de coleta e tratamento dos dados. A terceira seção apresenta os resultados das análises realizadas com modelos estatísticos de regressão logística de efeitos mistos, discutindo a correlação entre a variável resposta e as variáveis sociais e linguísticas. Por fim, a última seção traz as considerações finais.

2 Estudos sobre a expressão variável do imperativo

Na busca por entender o comportamento das formas imperativas no português brasileiro, pesquisadores se debruçaram em analisar as suas formas variantes e os fatores condicionantes para tal variável em diversos estudos sociolinguísticos nas regiões Norte, Centro-Oeste, Sudeste, Sul e Nordeste (Cardoso, 2009; Evangelista, 2010; Figueiredo; Souza, 2017; Oliveira, 2017; Oliveira, 2023; Sampaio, 2001).

Ao estudar a expressão variável do imperativo em registros de fala de Salvador e Rio de Janeiro nas décadas de 1970 e 1990, utilizando dados dos Projetos NURC (Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta), PEPP (Programa de Estudo do Português Popular) e PF (Projeto do Português Fundamental), Sampaio (2001) encontrou diferenças significativas nas proporções de variantes entre as duas capitais, destacando uma variação regional ao longo do tempo. Na década de 1970, em Salvador, 57% das ocorrências de imperativo estavam na forma subjuntiva, enquanto no Rio de Janeiro, o uso da forma indicativa era quase categórico (97%). Nos anos 1990, essa tendência continuou, com Salvador utilizando 72% de formas subjuntivas, enquanto no Rio de Janeiro, apenas 6% das ocorrências eram subjuntivas.

Assim como Sampaio (2001), Cardoso (2009) também se dedicou a investigar o uso do imperativo em diferentes regiões. Apesar de seu estudo focar na influência das variáveis Gênero e Identidade dos falantes no contato linguístico de fortalezenses que vivem em Brasília, é relevante ao mostrar que, na fala dos brasilienses, o imperativo geralmente segue

a morfologia indicativa, enquanto os fortalezenses tendem a utilizar o imperativo associado ao subjuntivo. Devido à dificuldade de capturar fenômenos morfossintáticos em entrevistas sociolinguísticas, Cardoso (2009) coletou dados de fortalezenses residentes em Brasília por meio de entrevistas direcionadas gravadas, metodologia similar à utilizada nesta pesquisa. Para que os dados surgissem, foram usadas tirinhas da Turma da Mônica, cujas ações dos personagens incentivavam o uso de expressões diretivas. Cardoso (2009) inicialmente fazia perguntas sobre a tirinha e depois pedia aos entrevistados que associassem as situações às suas experiências diárias, obtendo assim as ocorrências de imperativo.

Para analisar a fala dos moradores de Fortaleza, a autora usou os corpora do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), onde encontrou 66% de uso do imperativo associado ao subjuntivo, e do Projeto Dialetos Sociais Cearenses (DSC), com 56%. Esses percentuais se inverteram ao analisar a fala de 16 migrantes em Brasília, que adotaram a forma comum na capital – o imperativo com morfologia indicativa (68%). Expressões como “vem cá, pega o livro!” tornaram-se mais frequentes em sua fala.

Os resultados da pesquisa de Evangelista (2010) sobre a variação nas formas do imperativo em Vitória-ES corroboram os achados de Sampaio (2001) e Cardoso (2009). Com base no corpus PortVix, Evangelista identificou que 97% das formas de imperativo usadas pelos capixabas estão associadas ao indicativo. Esse dado destaca uma diferença geográfica entre capitais, pois os resultados em Vitória se alinham aos de outras capitais do Sudeste e Centro-Oeste, enquanto se afastam daqueles registrados em capitais nordestinas.

Oliveira (2017) conduziu outra pesquisa comparativa sobre a variação do uso do imperativo em capitais do Nordeste. A autora examinou 72 entrevistas coletadas em 9 capitais (São Luís-MA, Teresina-PI, Fortaleza-CE, Natal-RN, João Pessoa-PB, Recife-PE, Maceió-AL, Aracaju-SE e Salvador-BA), utilizando o questionário morfossintático do corpus do Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Seus resultados gerais indicaram uma predominância do uso do imperativo associado à forma de subjuntivo: dos 753 dados analisados, 233 usaram a forma de indicativo (31%) e 520 usaram a forma de subjuntivo (69%). De acordo com os resultados, a forma imperativa associada ao indicativo é favorecida apenas em duas capitais, São Luís e Fortaleza, com pesos relativos de 0.84 e 0.66, respectivamente. Teresina e Recife apresentam pesos relativos em um ponto considerado neutro, enquanto as outras cidades favorecem as formas subjuntivas.

Assim como Sampaio (2001) e Oliveira (2017), Figueiredo e Souza (2017) também realizaram um estudo comparativo que examinou a variação nas formas do imperativo com base em dois conjuntos de dados: um composto por baianos residentes em São Paulo e outro por baianos de Feira de Santana, na Bahia. O objetivo foi comparar o uso do imperativo com morfologia de indicativo entre esses dois grupos. Para isso, foi aplicado um questionário inspirado em Nunes e Schwenter (2015), com descrições de cenas cotidianas que induziam os participantes a escolher entre as formas imperativas (indicativo~subjuntivo). O questionário continha 30 estímulos, dos quais 14 eram distratores e 16 eram sentenças específicas, elaboradas para investigar variáveis como polaridade da sentença (afirmativa/negativa), contexto temporal (imediato/não imediato) e a situação comunicativa (aconselhar, instruir, pedir ou ordenar). O estudo envolveu 41 participantes na Bahia, resultando em 656 ocorrências imperativas, e 34 migrantes baianos em São Paulo, gerando 544 ocorrências. Os resultados demonstraram que os falantes de Feira de Santana tendem a usar predominantemente a forma imperativa com

morfologia de subjuntivo (77%), enquanto os baianos em São Paulo apresentam uma frequência menor (66%) de uso dessa forma.

Oliveira (2023), para além das capitais nordestinas, realizou uma pesquisa comparativa sobre a variação do uso do imperativo em várias capitais do Brasil. A autora analisou 200 entrevistas coletadas em 25 capitais, incluindo cidades como Macapá, Boa Vista, Manaus, e outras. Esses dados foram extraídos do questionário morfossintático do Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Os resultados mostram que, na maioria das capitais, as formas imperativas com morfologia de indicativo são mais usadas pelos falantes. Dos 2535 exemplos de imperativo obtidos, 1643 (64,8%) estavam na forma indicativa, enquanto 892 (35,2%) eram de forma subjuntiva. No entanto, o uso do imperativo associado ao subjuntivo foi mais comum nas capitais do Nordeste, exceto em São Luís-MA, que favoreceu o imperativo com morfologia de indicativo. Porto Velho e Curitiba também mostraram uma tendência ao uso do subjuntivo.

Os resultados obtidos por Sampaio (2001), Cardoso (2009), Oliveira (2017), Figueredo e Souza (2017) e Oliveira (2023) revelam semelhanças notáveis, embora cada pesquisa tenha perseguido objetivos distintos. Esses estudos, ao explorarem diferentes aspectos do uso do imperativo, demonstram consistentemente a existência de variação diatópica nas formas imperativas ao longo das capitais do território brasileiro. Em particular, observou-se que as regiões Norte, Centro-Oeste, Sul e Sudeste tendem a apresentar um comportamento linguístico semelhante no que se refere ao uso do imperativo associado ao indicativo. Isso indica uma preferência por estruturas imperativas que utilizam a forma de indicativo, refletindo uma uniformidade linguística nessas áreas geográficas. Por outro lado, as cidades do Nordeste mostram uma tendência marcante em direção ao uso do imperativo associado ao subjuntivo. Essa inclinação sugere uma variação linguística regional que distingue o Nordeste das outras regiões do Brasil.

As pesquisas mencionadas, ao analisarem diferentes aspectos e contextos de uso do imperativo, contribuem para um entendimento mais amplo e detalhado dessa variação. Elas não apenas confirmam a existência de padrões regionais, mas também ajudam a mapear a distribuição dessas formas linguísticas e a compreender as influências sociolinguísticas que as moldam. No entanto, para obter uma compreensão mais ampla desses padrões de variação, é essencial o mapeamento das cidades interioranas. Isso ajuda a determinar se os padrões observados nas capitais também se aplicam a áreas menos urbanizadas e se há outras condicionantes regionais a serem considerados.

3 Método

Com o objetivo de analisar a variação do imperativo nas cidades de Feira de Santana e Campinas, com foco na língua falada, foi realizada uma análise em tempo aparente, baseada na ocorrência de dados do imperativo em suas formas variacionais (indicativo ~ subjuntivo). Para a coleta de dados, considerando que características morfossintáticas nem sempre são facilmente capturadas em gravações de entrevistas sociolinguísticas, esta pesquisa segue a metodologia proposta por Cardoso (2009) em sua tese de doutorado. No experimento de Cardoso, os participantes foram expostos a imagens de histórias em quadrinhos que retratavam um diálogo entre duas pessoas, e a partir dessas imagens, ela fazia perguntas que estimulavam respostas imperativas. Nesta pesquisa, a abordagem metodológica é mais con-

trolada, com imagens específicas para capturar formas imperativas.² As cenas foram elaboradas de modo a contemplar as variáveis linguísticas que se pretendem analisar, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Variáveis previsoras linguísticas

Situação Comunicativa	Tipo de Relação	Saliência do Verbo
Ordem	Simétrica	+ Saliente
Pedido/Convite	Assimétrica	± Saliente
Instrução		- Saliente

Fonte: elaboração própria.

O imperativo, enquanto ato direutivo, é utilizado para exercer uma força ilocutória, de modo que o destinatário execute determinada ação, com diferentes interesses. De acordo com Cunha e Cintra (2007), esses interesses podem ser intensificados ou suavizados por meio de variados recursos linguísticos. Scherre (2004) aponta que os falantes que utilizam predominantemente formas indicativas associam o uso do imperativo na forma subjuntiva a um reforço de comando.

Com isso, para investigar se situações de ordem, pedido/convite e instrução influenciam a variação das formas do imperativo, foram criadas cenas que representam esses contextos. Vale destacar que essas três situações não são as únicas onde o imperativo pode ser aplicado, pois também há súplica, conselho, sugestão e prescrição; contudo, as situações escolhidas são comuns nos discursos cotidianos. É frequente encontrarmos, na fala das pessoas, expressões imperativas ligadas à ordem (mandar ou determinar que algo seja feito), ao pedido/convite (solicitar um favor, ajuda ou presença) e à instrução (ensinar ou orientar a realizar uma tarefa), como ilustram, respectivamente, as situações abaixo:

- (1) Pedro, começa/comece a fazer a atividade, senão não vai para o recreio!
- (2) Mãe, lê/leia uma história para mim!
- (3) Para o arroz ficar ainda mais gostoso, coloca/coloque dois dentes de alho picado.

Considerando que geralmente ajustamos nosso discurso de acordo com a pessoa com quem estamos conversando, é possível que as expressões imperativas sejam usadas de maneira distinta em situações em que os interlocutores possuam status social semelhante ou diferente, especialmente em contextos de ordem, pedido ou instrução. Scherre (2004) investigou o impacto das relações simétricas e assimétricas no uso das formas imperativas. No entanto, a autora não dispõe de tais nuances funcionais em suas análises, argumentando que essas relações não determinam o uso das formas imperativas. Segundo Scherre (2004), o reforço ou a suavização dos atos de fala são influenciados por outros recursos linguísticos, como o uso de modalizadores ou a entoação. Além disso, como já mencionado anteriormente, a autora sugere que o uso do subjuntivo pode ser visto como um reforço de comando em atos diretivos.

² A coleta de dados, baseada em situações simuladas com estímulos visuais, não equivale integralmente à fala espontânea em contextos naturais de interação. Contudo, essa opção metodológica se justifica pelo fato de o modo imperativo ser uma forma de difícil elicição em entrevistas sociolinguísticas, como já apontado em estudos dialetológicos anteriores. O uso de quadrinhos permitiu garantir maior produtividade do fenômeno investigado, sem prejuízo da validade da análise variacionista proposta.

Para que a variável Tipo de Relação pudesse ser analisada nesta pesquisa, foram criados quadrinhos que representavam diferentes tipos de simetria nas relações (por exemplo, assimétrico: filho x pai; professora x aluno; simétrico: duas amigas; dois colegas de trabalho, etc.). É importante destacar que, nos contextos assimétricos desenvolvidos, não se controlou quem era o falante, apenas se as relações eram simétricas ou assimétricas.

O princípio da saliência fônica também tem sido amplamente estudado em diversas pesquisas sociolinguísticas. Vários estudos sobre o uso das formas imperativas incluem a discussão sobre a variável Saliência Fônica, entre eles os trabalhos de Sampaio (2001) e Oliveira (2017). Essas autoras explicam que o princípio da saliência consiste na tendência de que as formas mais salientes, ou seja, mais perceptíveis, sejam mais marcadas do que as menos salientes. As formas imperativas menos marcadas são aquelas que apresentam pouca diferença interna entre as formas subjuntivas e indicativas (cante/canta), enquanto as mais marcadas e, portanto, mais perceptíveis, são as que apresentam maior diferença interna (cubra/cobre).

Esses estudos demonstraram que o princípio da saliência fônica afeta as formas imperativas, de modo que os verbos menos salientes tendem a favorecer o uso das formas indicativas, enquanto os mais salientes favorecem o uso das formas subjuntivas. Por essa razão, essa variável também foi controlada nesta pesquisa, sendo estabelecidas três níveis de saliência (+ saliente, \pm saliente, – saliente) (Quadro 2).

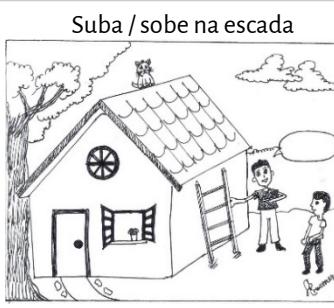
Quadro 2 – Saliência Fônica dos Verbos

Verbos – salientes	Verbos \pm salientes	Verbos + salientes
Verbos com a mesma sílaba tônica, diferindo apenas pela última vogal.	Verbos com a mesma sílaba tônica e com uma vogal a mais ou verbos com mudança ou inserção de consoante.	Verbos com uma sílaba a mais, mantendo a mesma sílaba tônica.
Abraça/brace	Sai/saia	Diz/diga
Bate/bata	Vai/vá	Faz/faça
Canta/cante	Ouve/ouça	Lê/leia

Fonte: elaboração própria.

A partir do cruzamento entre as variáveis do Quadro 1, foram elaboradas 18 cenas alvo (ver Quadro 3), a fim de controlar seus efeitos. A elas foram acrescidas mais 18 cenas distratoras (ver Quadro 4), que não envolvem expressão imperativa. Vale mencionar que, em algumas cenas distratoras, os falantes utilizaram formas imperativas. Nesses casos, os dados foram incluídos na análise.

Quadro 3 – Cenas alvo que foram utilizadas no experimento

<p>Leia / Lê o manual</p> 	<p>Desça / desce da árvore</p> 
<p>Faz / faça uma pose sensual</p> 	<p>Beba / bebe água</p> 
<p>Fala / fale mais alto</p> 	<p>Vá / vai pegar o osso</p> 
<p>Ouça / ouve a música</p> 	<p>Assopre / assopra meu olho</p> 
<p>Durma / dorme logo</p> 	<p>Suba / sobe na escada</p> 



Fonte: elaboração própria.

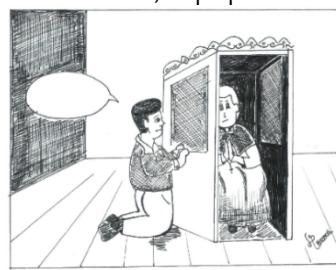
Quadro 4 – Cenas distratoras que foram utilizadas no experimento



Quer casar comigo?



Padre, eu pequei!



Eu tirei nota baixa



A bolsa estourou!



Socorro!



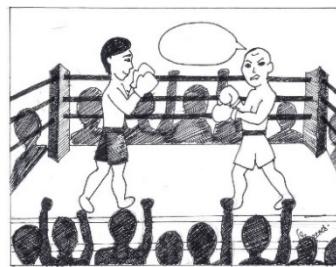
Poxa, hoje não tem brincadeira



Eu te amo!



Vou te derrubar



Quanto custa a maçã?



Sou linda!





Fonte: elaboração própria.

3.1 Variáveis previdoras sociais

A partir da análise da variável Faixa Etária, foi possível identificar se o imperativo está passando por um processo de mudança em tempo aparente (Naro, 2004). Estudos que utilizam amostras de diferentes períodos têm evidenciado o aumento da forma indicativa para a expressão do imperativo. A pesquisa de Sampaio (2001) demonstra a influência da faixa etária na escolha das variantes, revelando que, no Rio de Janeiro, os resultados da faixa etária mais jovem são categóricos, com 100% de uso da forma indicativa. Em Salvador, na fala dos participantes da faixa etária mais jovem, observou-se um percentual de 42% de uso da forma indicativa, sugerindo uma mudança em curso, ainda em fase inicial. O mesmo padrão foi identificado no estudo de Figuereido e Souza (2017), que indicaram que em Feira de Santana, os mais jovens (32%) tendem a favorecer o uso das formas indicativas, em comparação aos mais velhos (17%).

A variável Sexo/Gênero tem resultados apresentados variados em pesquisas socio-lingüísticas. Em alguns estudos, como o de Oushiro (2015) em São Paulo, sobre a variável /e/ nasal ditongada, as mulheres aparecem como precursoras das mudanças. No entanto, outras pesquisas, como a de Mollica e Paiva (1989) no Rio de Janeiro, que investigaram a supressão

da vibração em grupos consonantais (problema/poblema), mostram as mulheres como mais conservadoras, preferindo as formas consideradas padrão.

Embora em muitos estudos sobre o imperativo essa variável tenha sido testada, não houve correlação (Figuereido; Souza, 2017; Oliveira, 2017; Sampaio, 2001). Neste estudo, mesmo sem uma expectativa específica em relação à variável Sexo/Gênero, ela foi controlada, já que é relativamente simples equilibrar a amostra conforme essa variável social, permitindo comparações com as pesquisas mencionadas e buscando generalizações sobre os tipos de variáveis sociolinguísticas influenciadas por ela.

A Escolaridade é uma variável relevante para esta pesquisa, já que se buscou investigar se indivíduos com maior nível de escolaridade tendem a seguir as formas prescritas pela Gramática Tradicional (Votré, 2004) ou se, conforme indicado por Sampaio (2001) e Evangelista (2010), o uso variável do imperativo não está relacionado às normas escolares. Nos estudos de Sampaio (2001), os mais escolarizados em Salvador-BA utilizaram formas indicativas, contrariando as prescrições gramaticais. Por outro lado, Evangelista (2010) explica a não correlação com a variável Escolaridade por considerar o imperativo como variável com baixa saliência social. A autora argumenta que a escola pode não influenciar o uso do imperativo, já que a forma associada ao indicativo, embora não siga a norma padrão, não é estigmatizada. Sabe-se que as normas escolares tendem a influenciar mais as variantes que sofrem maior pressão normatizadora, como a concordância verbal e nominal. Portanto, o controle dessa variável será fundamental para compreender se as prescrições escolares influenciam o uso das formas imperativas nas comunidades analisadas.

Também foi analisada a variável localidade, uma vez que esta pesquisa se baseia na comparação entre as cidades de Feira de Santana e Campinas, situadas nas regiões Nordeste e Sudeste, respectivamente, as quais apresentam diferenças nas morfologias do imperativo. Enquanto nas capitais do Sudeste os falantes tendem a utilizar majoritariamente formas indicativas (Evangelista, 2010; Sampaio, 2001), nas capitais do Nordeste prevalecem as formas subjuntivas (Oliveira, 2017). Dessa forma, o mapeamento das cidades de Feira de Santana e Campinas ajuda a bem entender os usos do imperativo no interior dos estados.

3.2 Hipóteses

Espera-se que, em relação à variável resposta, o uso da morfologia de imperativo associado ao indicativo seja relativamente mais frequente em Campinas do que em Feira de Santana, em consonância com os resultados já observados em estudos sobre as capitais das regiões Sudeste e Nordeste (Evangelista, 2010; Oliveira, 2017; Sampaio, 2001).

No que tange à variável Situação Comunicativa, a hipótese é de que o cenário mais favorável ao uso da forma imperativa com morfologia de indicativo seja o de pedido. Cabe destacar que esta pesquisa não pretende aprofundar-se na análise pragmática dos níveis de força manipulativa das formas imperativas, uma vez que não se trata de um estudo funcionalista. O foco está apenas em verificar se diferentes contextos comunicativos influenciam a escolha entre as formas. Considerando-se que as formas subjuntivas são vistas como reforço de comando (Figuereido; Souza, 2017; Scherre, 2004), enquanto as formas imperativas associadas ao indicativo são mais brandas e exprimem força expressiva menor que as formas subjuntivas, a expectativa é que os falantes prefiram o indicativo em situações de pedido, por ser

considerado menos impositivo e mais cortês, reservando o uso das formas subjuntivas para contextos de ordem, que demandam maior força manipulativa.

Para a variável Tipo de Relação, a hipótese segue uma linha semelhante à da variável Situação Comunicativa. Baseando-se na ideia de reforço de comando destacada por Scherre (2004), relações assimétricas tenderiam a favorecer o uso do imperativo associado ao subjuntivo como forma de intensificar a ordem, enquanto as formas indicativas seriam preferidas em relações simétricas por serem vistas como mais suaves. Em contextos assimétricos, os falantes sentiriam a necessidade de utilizar uma força manipulativa maior, optando pelo subjuntivo por ser mais impositivo, algo desnecessário em interações simétricas.

No que diz respeito à variável Saliência do Verbo, com base nos estudos de Sampaio (2001) e Oliveira (2017), a hipótese é que verbos com uma oposição menos marcada favoreçam o uso do imperativo associado ao indicativo, enquanto verbos com uma oposição mais evidente tendam a reforçar o uso do imperativo ligado ao subjuntivo, por serem mais resistentes à mudança.

Quanto à variável Sexo/Gênero, conforme explicado anteriormente na justificativa das variáveis sociais, essa característica não se mostrou significativa em estudos prévios sobre o uso de formas imperativas (Evangelista, 2010; Figuereido; Souza, 2017; Oliveira, 2017; Sampaio, 2001). Nesses trabalhos, os autores sugerem que a ausência de correlação se deve ao fato de que as formas imperativas não carregam estigmas sociais, sendo, portanto, menos relevantes socialmente. Nesta pesquisa, essa variável foi controlada apenas para fins de comparação, a fim de possibilitar generalizações sobre os fatores que influenciam a escolha entre as formas imperativas. Contudo, com base nos estudos citados, supôs-se inicialmente que a variável Sexo/Gênero também não apresentaria correlação com o uso das formas imperativas.

Para a variável Faixa Etária, a expectativa inicial era que os falantes mais jovens favorecessem o uso das formas indicativas, dado que há indícios de mudança em progresso nos estudos conduzidos nas capitais brasileiras. Pesquisas de Sampaio (2001) e Figuereido e Souza (2017) indicam que, tanto no Sudeste quanto no Nordeste, os mais jovens tendem a utilizar mais as formas indicativas, enquanto os mais velhos as utilizam menos. Esses estudos revelam que nas capitais do Sudeste essa mudança está em estágio mais avançado em comparação com as capitais do Nordeste, como mostrado nos resultados de Sampaio (2001), que indicam claramente a preferência pelo indicativo entre os mais jovens.

Por fim, no caso da variável Escolaridade, em consonância com Evangelista (2010), a expectativa inicial era que os padrões normativos escolares não interferissem no uso das formas imperativas, visto que essa variável tem baixa saliência social e não é estigmatizada. É importante ressaltar que, independentemente de se encontrar ou não uma correlação, analisar a variável Escolaridade em duas comunidades linguísticas amplia a discussão, superando as generalizações típicas das pesquisas sociolinguísticas sobre a relação entre norma-padrão e variantes de prestígio. Nas diferentes comunidades, com normas comunicativas distintas, a análise das variáveis envolve não apenas a influência escolar, mas também a vida social dos falantes e outros possíveis significados sociais.

3.3 Coleta de dados

Os estímulos foram apresentados aos participantes em um notebook por meio do software PsychoPy (Peirce, 2018). Cada cena retratava um diálogo entre dois interlocutores. Inicialmente, foram mostradas duas cenas distratoras para instruir o participante sobre sua tarefa: foi solicitado que descrevesse as cenas, garantindo assim que a interpretação fosse conforme o pretendido. Após a descrição, foi feita a seguinte pergunta: “Se você estivesse nessa situação, o que diria?” Essa pergunta foi repetida para cada cena de maneira uniforme, a fim de proporcionar condições iguais para todos os participantes.

Utilizou-se o critério da amostragem aleatória para a escolha dos participantes, a fim de garantir a representatividade da amostra em relação à população e evitar o enviesamento dos dados (Guy; Zilles, 2007). Para assegurar a representatividade, foram escolhidos três informantes para cada célula, considerando as variáveis Faixa Etária (18-34; 35-59; acima de 60), Sexo/Gênero (feminino; masculino), Escolaridade (até o Ensino Médio; Ensino Superior), e Localidade (Campinas; Feira de Santana), totalizando 72 participantes (36 de cada localidade).

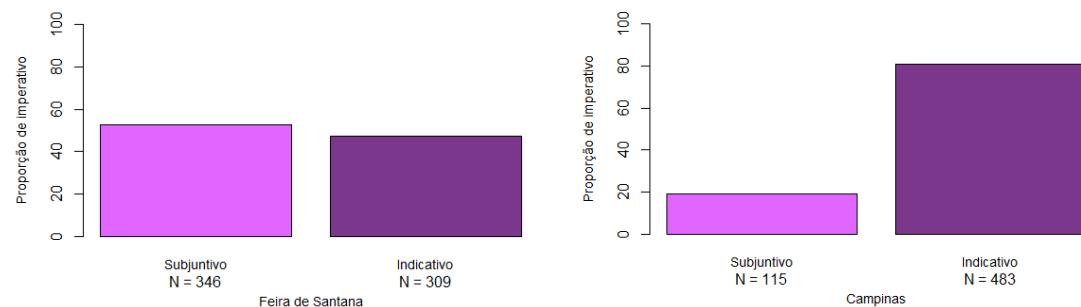
Todas as interações conversacionais foram gravadas e posteriormente transcritas no programa ELAN (Hellwig; Geerts, 2013). As ocorrências então foram extraídas e codificadas de acordo com as variáveis previsoras. Após a codificação, com o intuito de saber quais fatores condicionam o uso do imperativo com morfologia de indicativo, os dados foram analisados estatisticamente através da plataforma R (R Core Team, 2023). Inicialmente, foram feitos testes de qui-quadrado, cuja função é verificar se há correlação entre duas variáveis nominais/qualitativas, a saber, variável resposta (Morfologia de Imperativo) e as variáveis previsoras linguísticas (Situação Comunicativa, Tipo de Relação, Saliência do Verbo) e previsoras sociais (Escolaridade, Faixa Etária, Sexo/Gênero, Localidade). No segundo momento, para uma análise mais refinada dos dados, foram aplicados modelos de regressão logística de efeitos mistos (Baayen, 2008; Levshina, 2015), incluindo as variáveis verbo e participante como efeito aleatório, os quais serão descritos a seguir.

4 Resultados

Foram extraídos 1.253 dados de formas imperativas associadas ao indicativo e subjuntivo a partir da fala dos 72 participantes. Como a literatura aponta uma mudança em progresso no sentido do aumento das formas imperativas com morfologia de indicativo, e o interesse desta pesquisa é identificar quais fatores estão correlacionados ao uso dessa variante, os resultados desta pesquisa consideram as formas indicativas como o valor de aplicação. A distribuição geral dos dados mostra que, em Feira de Santana, as formas indicativas são menos utilizadas (47%), enquanto em Campinas os falantes utilizam predominantemente as formas imperativas associadas ao indicativo (81%), conforme ilustrado na Imagem 1. Essa distribuição é consistente com outros estudos realizados no Brasil (Cardoso, 2009; Evangelista, 2010; Oliveira, 2017; Sampaio, 2001), nos quais o Nordeste se destaca como uma região de maior preserva-

ção das formas subjuntivas, enquanto outras regiões do país estão mais avançadas na adoção das formas indicativas.

Imagen 1 – Proporções e números de dados do imperativo com morfologia de indicativo e subjuntivo em Feira de Santana-BA e Campinas-SP



Fonte: elaboração própria.

A diferença observada no uso das formas imperativas entre as duas cidades é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 150,15(1)$, $p < 0,001$), o que indica a necessidade de compreender se essas diferenças estão relacionadas às normas linguísticas específicas de cada localidade e quais fatores sociais e linguísticos influenciam os diferentes usos nessas comunidades. Em Feira de Santana, a distribuição das variantes é semelhante a outras pesquisas sobre o uso do imperativo no Nordeste. A pesquisa comparativa de Sampaio (2001), realizada nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador, revela que, na década de 1990, 72% das ocorrências analisadas em Salvador foram associadas ao subjuntivo.

Por outro lado, a distribuição das variantes em Campinas difere significativamente da de Feira de Santana, indicando que os campineiros fazem uso predominante das formas imperativas associadas ao indicativo (81%). Esses resultados estão em linha com estudos anteriores sobre a região Sudeste. Sampaio (2001), por exemplo, identificou uma diferença diatópica entre Salvador (6%) e Rio de Janeiro (94%) quanto ao uso das formas indicativas. Evangelista (2010) também observou que em Vitória, 97% das formas imperativas eram associadas ao indicativo. Embora Campinas esteja em um estágio mais avançado de mudança em relação a Feira de Santana, ela ainda apresenta proporções menores em comparação com outras capitais do Sudeste, sugerindo que a mudança parte dos grandes centros urbanos e se propaga em direção ao interior.

Para compreender melhor o impacto das variáveis previsoras no uso das formas imperativas, foram aplicados modelos de regressão logística multivariada, explorando também as interações entre as variáveis. Os resultados das análises para Feira de Santana indicam que Faixa Etária, Escolaridade, Saliência do Verbo e Situação Comunicativa estão significativamente correlacionadas com o uso das formas imperativas associadas ao indicativo (Tabela 1). Em Campinas, as variáveis significativas foram Faixa Etária e Situação Comunicativa. No entanto, diferentemente dos resultados encontrados em Feira de Santana, Saliência do Verbo e Escolaridade não apresentaram correlação significativa (Tabela 2).

Tabela 1 – Resultado da análise de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA (N = 655)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	ApI/N
(Intercept)	0,99	0,60	1,66	<0,0001 ***	
Faixa Etária					
F1(ref.)					146/233 (63%)
F2	-2,20	0,61	-3,61	<0,001 ***	98/209 (47%)
F3	-2,61	0,62	-4,37	<0,001 ***	65/213 (31%)
Sexo/Gênero					
Feminino (ref.)					168/338 (50%)
Masculino	0,11	0,35	0,33	0,73 +	141/317 (44%)
Escolaridade					
Médio (ref.)					184/346 (53%)
Superior	-2,23	0,61	-3,61	<0,001 ***	125/309 (40%)
Situação Comunicativa					
Instrução (ref.)					67/162 (41%)
Ordem	0,19	0,28	0,70	0,48 +	87/226 (38%)
Pedido	1,13	0,27	4,12	<0,001 ***	155/267 (58%)
Saliência do Verbo					
Mais (Ref.)					190/655 (41%)
Menos	0,63	0,20	-3,08	0,002 **	190/655 (52%)
Tipo de Relação					
Assimétrica (Ref.)					143/292 (45%)
Simétrica	0,21	0,24	0,87	0,37 +	166/363 (49%)
F2: EscolaridadeS	2,80	0,85	3,29	<0,001 ***	
F3: EscolaridadeS	1,94	0,86	2,24	0,02 *	

Modelo: glmer (morfologia.verbo ~ faixa.etaria * escolaridade + sexo.genero + situacao.comunicativa + saliencia.verbo + tipo.relacao + (1|FALANTE) + (1|VERBO), data = dados, family = binomial)

Fonte: elaboração própria.

Tabela 2 – Resultado da análise de regressão logística em modelos de efeitos mistos para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Campinas-SP (N = 598)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	ApI/N
(Intercept)	3,91	1,10	3,54	<0,0001 ***	
Faixa Etária					
F1(ref.)					182/194 (94%)
F2	-0,69	0,84	-0,81	0,41 +	190/227 (83%)
F3	-3,68	0,85	-4,29	<0,0001 ***	111/177 (61%)
Sexo/Gênero					
Feminino (ref.)					226/266 (85%)
Masculino	0,10	0,46	0,23	0,81 +	257/332 (77%)

Escolaridade					
Médio (ref.)					218/587 (76%)
Superior	0,10	0,90	-0,12	<0,90	+
Situação Comunicativa					
Instrução (ref.)					115/157 (73%)
Ordem	0,32	0,50	0,63	0,52	+
Pedido	1,20	0,47	2,50	0,01	*
Saliência do Verbo					
Mais (Ref.)					200/251 (80%)
Menos	-0,11	0,28	0,38	0,69	+
Tipo de Relação					
Assimétrica (Ref.)					233/291 (80%)
Simétrica	0,45	0,43	1,05	0,29	+
F2: EscolaridadeS	-0,31	1,17	-0,26	0,78	+
F3: EscolaridadeS	2,31	1,16	1,98	0,04	*

Modelo: glmer (morfologia.verbo ~ faixa.etaria * escolaridade + sexo.genero + situacao.comunicativa + saliencia.verbo + tipo.relacao + (1|FALANTE) + (1|VERBO), data = dados, family = binomial)

Fonte: elaboração própria.

Em Feira de Santana (Tabela 1), as estimativas negativas em *logodds* para a segunda faixa etária (F2) (-2.20) e a terceira faixa etária (F3) (-2.61) indicam que essas faixas desfavorecem o uso do imperativo com morfologia de indicativo em relação ao *intercept*, correspondente à primeira faixa etária (F1). Observa-se que os falantes idosos (F3) são os que mais desfavorecem as formas indicativas, enquanto os jovens (F1) são os que mais as favorecem, sugerindo uma mudança em progresso em direção à forma indicativa. A análise das proporções por faixa etária confirma esse padrão: os jovens (F1) utilizam a forma indicativa em 63% das ocorrências, contra 47% entre os adultos (F2) e 31% entre os idosos (F3).

Em Campinas (Tabela 2), a Faixa Etária F3 (acima de 60 anos) também apresenta valor negativo em *logodds* (-3.68), indicando que desfavorece o uso da forma imperativa associada ao indicativo em comparação ao *intercept* F1. Além disso, não há diferença significativa entre F2 (35-59 anos) e o *intercept* F1 (18-34 anos), sugerindo que em Campinas há uma distinção entre os mais jovens e os mais velhos, mas a ausência de diferença significativa entre a primeira faixa etária (94%) e a segunda (83%) indica que a mudança está desacelerando. Esses resultados sugerem uma mudança em progresso em Campinas em estágio mais avançado do que em Feira de Santana, com a diferença entre as faixas etárias mais jovens já não sendo significativa.

De acordo com Paiva e Duarte (2003), para identificar uma mudança linguística é fundamental analisar pelo menos duas gerações sucessivas de falantes que possuam características sociais semelhantes e representem diferentes estágios da língua na mesma comunidade de fala. O comportamento da variável Faixa Etária em relação ao uso das formas imperativas tem sido amplamente estudado em trabalhos sociolinguísticos, que mostram diferenças consistentes entre os mais jovens e os mais velhos. Nos resultados apresentados, as tendências observadas confirmam as já registradas em outras pesquisas sobre o imperativo: os mais

jovens favorecem o uso das formas associadas ao indicativo, enquanto os mais velhos preferem as formas subjuntivas.

Essas tendências foram observadas por Sampaio (2001) em Salvador, que destacou o maior uso das formas indicativas entre os mais jovens (P.R. .61) em relação aos mais velhos (P.R. .43). Figuereido e Souza (2017) também relataram um maior uso das formas indicativas pelos jovens em Feira de Santana (33%) em comparação aos mais velhos (17%). Os resultados de Campinas são semelhantes aos de Sampaio (2001) no Rio de Janeiro, onde a primeira faixa etária apresentou uso categórico das formas indicativas (100%), enquanto a terceira faixa as utilizava com menor frequência (94%). Assim, em ambas as cidades analisadas, as diferenças nas proporções de uso das formas indicativas e subjuntivas parecem refletir uma provável mudança em progresso, observada através da variável Faixa Etária, com resultados estatisticamente significativos tanto para Feira de Santana quanto para Campinas.

Para a variável Sexo/Gênero, não havia grandes expectativas de correlação, já que estudos anteriores não identificaram uma relação significativa. Essa variável foi incluída nesta pesquisa apenas para permitir comparações e possíveis generalizações sobre o uso do imperativo. Como previsto, ela não apresentou significância, com proporções bastante próximas em Feira de Santana (49% para mulheres e 44% para homens) e em Campinas (85% para mulheres e 74% para homens).

Nas análises de Sampaio (2001), Evangelista (2010) e Oliveira (2017), assim como nos dados de Feira de Santana e Campinas, a ausência de correlação entre Sexo/Gênero e o uso das formas imperativas foi atribuída ao fato de o imperativo não ser uma variável estigmatizada. Nesse contexto, Paiva (2004) observa que em muitos processos de mudança linguística, não há polarização clara entre variantes concorrentes, especialmente quando as variantes não estão sujeitas a avaliações sociais explícitas. Assim, a falta de correlação entre o imperativo e a variável Sexo/Gênero pode ser explicada pela ausência de coerção social ou de avaliações negativas de uma das variantes (Scherre, 2007).

Quanto à variável Escolaridade, a expectativa inicial era que os padrões de escolarização não influenciassem o uso das formas imperativas. Conforme apontado por Votre (2004), ao considerar a variável Escolaridade, é importante observar as dinâmicas sociais que as variantes expressam - como formas de prestígio, formas estigmatizadas ou formas neutras (não marcadas). Por ser considerada uma forma neutra (Evangelista, 2010; Scherre, 2007), o imperativo não seria suscetível à normatização escolar.

Contrariando as expectativas, a variável Escolaridade mostrou-se significativa em Feira de Santana. A análise revela que a estimativa negativa para o nível superior (-2,23), em comparação ao *intercept* (até o ensino médio), indica que falantes mais escolarizados tendem a utilizar menos o imperativo associado ao indicativo do que aqueles com menos escolaridade. Em Campinas, por outro lado, essa variável não apresentou correlação significativa. Esses resultados também podem ser observados por meio das proporções de uso do indicativo entre os falantes menos escolarizados de Feira de Santana (53%) e mais escolarizados (40%), e entre os campineiros menos escolarizados (76%) e mais escolarizados (85%).

Os resultados de Feira de Santana diferem dos apresentados por Sampaio (2001) para Salvador, onde os mais escolarizados favorecem o uso das formas indicativas. No entanto, os dados corroboram os achados de Oliveira (2017) nas capitais do Nordeste e de Figuereido e Souza (2017) em Feira de Santana, onde os menos escolarizados são os que mais favorecem o uso do indicativo. Além disso, a variável Escolaridade não foi significativa em outros estudos,

como o de Evangelista (2010) em Vitória, assim como nos dados de Campinas desta pesquisa. Isso sugere que os resultados para essa variável não são congruentes, o que levanta questões sobre o real papel da Escolaridade nas correlações observadas. Outros fatores sociais podem estar influenciando os resultados, uma vez que as diferenças observadas parecem mais relacionadas a grupos sociais do que à Escolaridade em si.

Embora a linguagem seja vista como uma expressão de identidade histórico-cultural, os falantes podem compartilhar normas linguísticas diferentes que levam a padrões de variação e comportamentos distintos (Labov, 2008 [1972]), fazendo com que falantes da mesma língua pertençam a comunidades de fala diferentes. Os resultados para a variável Escolaridade indicam que Feira de Santana e Campinas apresentam padrões distintos de variação. Em Feira de Santana, os falantes menos escolarizados utilizam mais as formas indicativas, enquanto em Campinas, embora a variável não tenha sido significativa, os mais escolarizados apresentam uma maior proporção de uso do indicativo.

Esses dados sugerem que as relações entre escolarização e prestígio ou estigma das variantes linguísticas não são sempre tão diretas. A suposição comum de que quanto maior a escolarização, maior a propensão ao uso de formas de prestígio social pode não se aplicar quando a variável não é estigmatizada - como é o caso do imperativo. Segundo Milroy (2001), essa relação é frequentemente assumida em estudos sociolinguísticos. No entanto, os resultados de Campinas mostram que uma variante não padrão pode ser vista como de maior prestígio social, já que o *status* atribuído às variedades linguísticas é influenciado pelo contexto social dos falantes. Assim, tanto em Feira de Santana quanto em Campinas, o imperativo provavelmente não está sujeito a normas impostas pela escolarização, mas reflete normas de comunicação distintas em cada comunidade.

A variável Situação Comunicativa foi controlada com o objetivo de verificar se diferentes contextos influenciam a escolha das formas imperativas, partindo da hipótese de que contextos de pedido favorecem o uso das formas indicativas, por serem mais polidas e terem menor força ilocucionária, enquanto contextos de ordem, associados à ideia de reforço, tenderiam a desfavorecer essas formas. Os exemplos em (4)-(9) exemplificam as situações pedido, instrução e ordem respectivamente:

- (4) Me dá um beijo (FSA_M1M_EdsonC)³
- (5) Amiga assopra meu olho (CPS_F2M_MaraA)
- (6) Filha dobra a roupa assim (FSA_F2S_FabiaS)
- (7) Fica um pouco mais perto pra mim ficar melhor (CPS_M3M_TulioR)
- (8) Arruma essa bagunça (FSA_M2M_MarciaS)
- (9) Desce já aqui (CPS_F2S_MunizeS)

O valor positivo em *logodds* para o contexto de pedido (1,13) indica que, entre os falantes de Feira de Santana, essa situação favorece o uso do imperativo com morfologia de indicativo em comparação ao *intercept* (situação de instrução). Além disso, não se observa diferença

³ Nos exemplos, o participante é identificado pelo seu perfil social: localidade (FSA - Feira de Santana; CPS - Campinas); Sexo (F - feminino; M - masculino); faixa etária (1 - 18-34 anos; 2 - 35-59 anos; 3 - acima de 60 anos); escolaridade (M - até Ensino Médio; S - Ensino Superior) e por seu pseudônimo.

significativa entre ordem e instrução. Curiosamente, embora a situação de ordem apresente a menor proporção de uso do indicativo (38%), o esperado seria uma estimativa negativa de *logodds*, sugerindo uma tendência de desfavorecimento da forma indicativa em relação à instrução, e não uma estimativa positiva (0,19), o que pode indicar uma interação entre Situação Comunicativa e outra variável, que será discutida posteriormente.

Em Campinas, o valor positivo em *logodds* (1,20) para o contexto de pedido também revela que os falantes campineiros favorecem o uso do imperativo associado ao indicativo nesse cenário, em relação ao *intercept* (situação de instrução). Assim como em Feira de Santana, não há diferença significativa entre a situação de ordem (0,32) em relação ao *intercept* (3,91).

Esses resultados estão de acordo com o estudo de Figuereido e Souza (2017), que também aponta as formas indicativas como mais polidas e adequadas a contextos comunicativos que exigem menor força manipulativa. Além disso, corroboram as ideias de Scherre (2004), que associa o uso das formas subjuntivas a contextos de ordem. Nota-se, porém, que essa tendência não se limita aos falantes campineiros, uma vez que em Feira de Santana, onde ainda prevalece o uso das formas imperativas associadas a morfologia de subjuntivo, os falantes também preferem as formas indicativas em situações de pedido.

Em relação à variável Saliência do Verbo, a hipótese é que verbos menos salientes, com oposição menos marcada, favoreçam o uso das formas imperativas associadas ao indicativo (10), enquanto verbos com oposição mais marcada, por serem mais salientes (11), favoreçam o uso das formas imperativas associadas a morfologia de subjuntivo.

(10) Fala alto, não estou ouvindo. (CPS_M1S_RodolfoG)

(11) Faça uma pose. (FSA_F1S_KarlaS)

O valor positivo em *logodds* (0,63) para verbos menos salientes indica que, entre os falantes de Feira de Santana, há um favorecimento do uso do imperativo indicativo em relação ao *intercept* (verbos mais salientes). Já em Campinas, as proporções de uso das formas indicativas com verbos menos salientes (82%) e mais salientes (80%) são bastante semelhantes, o que justifica a ausência de correlação.⁴

Os resultados de Feira de Santana confirmam os achados das pesquisas de Sampaio (2001) e Oliveira (2017), que também apontaram que verbos menos salientes favorecem o uso das formas associadas ao indicativo. Em Campinas, no entanto, independentemente da saliência dos verbos, as proporções de uso do imperativo com morfologia de indicativo são elevadas. Como a mudança em Campinas está em um estágio mais avançado, a falta de correlação com a Saliência do Verbo pode indicar uma perda da influência de variáveis linguísticas, apontando padrões diferentes nas duas comunidades.

Assim como para a variável Situação Comunicativa, supõe-se que, no caso do Tipo de Relação entre interlocutores, os falantes usariam formas imperativas indicativas em relações simétricas, por serem mais brandas, enquanto nas relações assimétricas, utilizariam formas subjuntivas, que impõem maior força manipulativa. No entanto, as proporções em Feira de

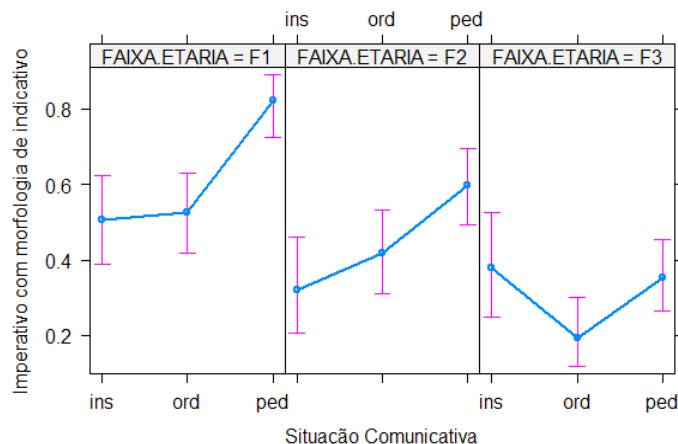
⁴ Inicialmente, a variável Saliência do Verbo foi organizada em três variantes – mais, mais ou menos e menos saliente – ver Seção 3, mas, como não era possível controlar totalmente os verbos que seriam ditos pelos participantes, ao analisar as formas ditas por eles, percebeu-se que havia mais verbos menos salientes, de modo que se decidiu amalgamar os dados de verbos mais salientes (cobre/cubra) e mais ou menos salientes (faz/faça) em uma mesma categoria.

Santana para relações simétricas (49%) e assimétricas (50%) são muito próximas, e o mesmo ocorre em Campinas, onde as relações simétricas apresentam 81% de uso do imperativo com morfologia de indicativo e as assimétricas 80%.

Portanto, conclui-se que a variável Tipo de Relação entre interlocutores não se correlaciona com o uso das formas imperativas em Feira de Santana e Campinas nos modelos de regressão. Esses resultados estão em consonância com os apresentados por Scherre (2004), em cuja pesquisa essa variável foi analisada, mas também não apresentou significância.

Os modelos de regressão logística também revelaram interações entre as variáveis Situação Comunicativa e Faixa Etária e Faixa Etária e Escolaridade em Feira de Santana, e entre Situação Comunicativa e Escolaridade e Faixa Etária e Escolaridade em Campinas. Essas interações são fundamentais para compreender melhor os resultados observados nas comunidades analisadas.

Imagen 2 – Interação entre as variáveis Situação Comunicativa e Faixa Etária para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA



Fonte: elaboração própria.

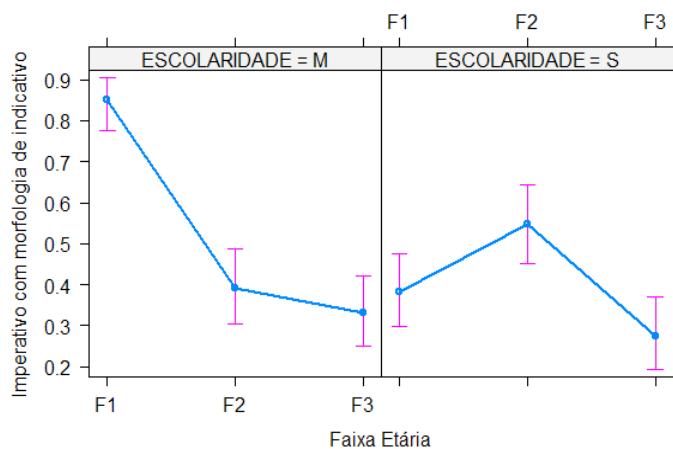
A Imagem 2 compara a aplicação do imperativo com morfologia de indicativo por informantes mais jovens (F1, à esquerda), de faixa etária intermediária (F2, no centro) e mais velhos (F3, à direita), quando a intenção comunicativa é de instruir, ordenar e pedir, respectivamente. No gráfico de F1 (18-34), percebe-se uma progressão ascendente, com a situação de pedido se destacando claramente das de ordem e instrução, favorecendo o uso do indicativo. No gráfico de F2 (35-59), também há uma progressão ascendente, mas não há uma diferença significativa entre ordem e pedido, embora haja entre pedido e instrução. No gráfico de F3 (acima de 60), não há diferença significativa entre os níveis de situações.

Os resultados dos gráficos para a primeira (18-34) e terceira (acima de 60) faixas etárias revelam comportamentos distintos entre essas gerações no que diz respeito ao uso das formas imperativas em Feira de Santana. Os mais jovens, ao utilizarem mais as formas associadas ao indicativo em contextos de pedido, reforçam a ideia de que as formas imperativas indicativas e subjuntivas possuem diferentes funções. Como mencionado anteriormente, há indícios de que os falantes que hoje usam mais as formas com morfologia de indicativo percebem as formas como morfologia de subjuntivo como um reforço de ordem (Scherre, 2004).

Por outro lado, os falantes mais velhos tendem a utilizar as formas imperativas associadas ao subjuntivo nos três contextos, sem diferenciação.

Esses resultados fazem supor que para os mais velhos não há essa diferença de funcionalidade entre formas indicativas e subjuntivas. Além disso, os dados indicam uma mudança nas normas comunicativas da comunidade de Feira de Santana, à medida que os falantes mais jovens passam a preferir formas indicativas em situações que demandam uma comunicação mais branda e polida.

IMAGEM 3 – Interação entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Feira de Santana-BA

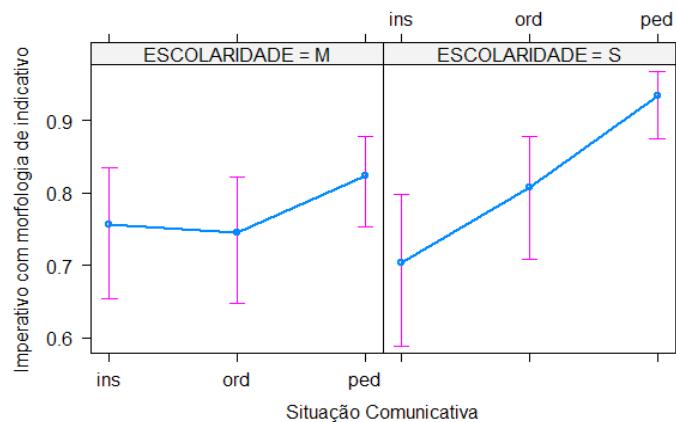


Fonte: elaboração própria.

Nos dados referentes a interação entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade (Imagem 3), o gráfico da esquerda, que mostra a escolaridade até o nível médio, revela uma progressão descendente: os falantes da primeira faixa etária (F1) utilizam mais as formas imperativas com morfologia de indicativo, enquanto os falantes de F2 e F3 empregam menos o imperativo associado ao indicativo. Esse padrão indica uma mudança em progresso na comunidade, liderada predominantemente pelos falantes com menor nível de escolaridade.

No gráfico à direita, que representa o nível superior, o comportamento dos falantes é distinto do observado no nível médio, pois não há diferenças significativas entre as faixas etárias. Observa-se que os falantes de F1 com nível médio agem de maneira diferente dos falantes da mesma faixa etária com nível superior. Esse contraste sugere não apenas padrões variados no uso das formas imperativas, mas também que os significados sociais atribuídos a cada variante são distintos para esses grupos.

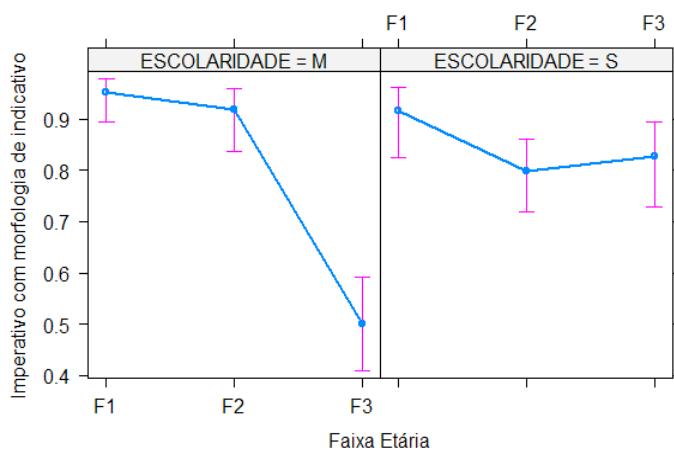
Imagen 4 – Interação entre as variáveis Situação Comunicativa e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Campinas-SP



Fonte: elaboração própria.

Nos dados de Campinas, a interação revelada pelos modelos de regressão logística foi entre Situação Comunicativa e Escolaridade. A Imagem 4 compara o uso do imperativo com morfologia de indicativo entre falantes com até o ensino médio (à esquerda) e aqueles com nível superior (à direita) nas situações de instrução, ordem e pedido, respectivamente. Entre os falantes com até o ensino médio, não há diferença significativa entre os contextos comunicativos, mas entre os falantes de nível superior, os resultados são diferentes. Observa-se uma progressão ascendente, com uma diferença significativa entre as situações de instrução e pedido, sendo que as situações de pedido favorecem o uso das formas imperativas associadas ao indicativo.

Imagen 5 - Interação entre as variáveis Faixa Etária e Escolaridade para o uso do imperativo com morfologia de indicativo em Campinas-SP



Fonte: elaboração própria.

Nos dados referentes a Campinas, a Imagem 5 compara o uso do imperativo com morfologia de indicativo entre falantes com escolaridade de nível médio (à esquerda) e superior (à direita) nas faixas etárias F1 (18-34), F2 (35-59) e F3 (acima de 60). No gráfico da esquerda,

que representa o nível médio, nota-se uma progressão descendente: os falantes de F1 e F2 utilizam mais as formas imperativas com morfologia de indicativo, enquanto os falantes de F3 recorrem bem menos ao imperativo associado ao indicativo. Por outro lado, no gráfico referente ao nível superior, não há uma diferença significativa entre as faixas etárias F1, F2 e F3. Esse padrão sugere que a mudança pode ter começado entre os falantes com escolaridade mais alta, onde a variação já está estabilizada, enquanto a continuidade da mudança ocorre atualmente entre os falantes com menor escolaridade.

5 Considerações finais

Os resultados demonstram que as normas linguísticas para o uso das formas imperativas em Feira de Santana e Campinas são distintas, refletindo as práticas comunicativas características de cada comunidade. Dessa forma, o uso das variantes imperativas é determinado pelas normas de cada localidade, confirmando que essas duas cidades apresentam padrões linguísticos diferenciados.

Especificamente, as análises para Feira de Santana indicam que os falantes utilizam predominantemente as formas imperativas associadas ao subjuntivo (53%), mas há sinais de uma mudança em progresso. Os falantes da primeira faixa etária (18-34) favorecem o uso das formas indicativas (63%), liderando essa transformação. Curiosamente, essa mudança é impulsionada pelos falantes menos escolarizados (53%), sugerindo que os padrões normativos da gramática tradicional têm pouca influência sobre a escolha das variantes, já que o imperativo não está sujeito a forte pressão social. As variáveis linguísticas Situação Comunicativa e Saliência do Verbo apresentaram correlação com o uso das formas indicativas, que são mais empregadas em contextos de pedido (58%) e com verbos menos salientes (52%). Os modelos também revelaram uma interação entre Situação Comunicativa e Faixa Etária, evidenciando que os mais jovens favorecem o indicativo em contextos de pedido, enquanto os falantes mais velhos preferem as formas subjuntivas em todos os contextos (pedido, ordem e instrução). Isso sugere que os falantes de Feira de Santana estão caminhando em direção ao uso das normas imperativas predominantes nas capitais das regiões de maior prestígio no Brasil, como o Sul e Sudeste.

Em Campinas, a mudança em direção às formas imperativas associadas ao indicativo está em um estágio mais avançado (81%). Diferentemente de Feira de Santana, embora a variável Escolaridade não seja significativa, é importante destacar que os falantes mais escolarizados (85%) lideram essa mudança, reforçando a noção de que as variantes prescritas pela gramática nem sempre são seguidas pelos falantes cultos. Assim como em Feira de Santana, os contextos de pedido favorecem o uso da morfologia de indicativo (87%); entretanto, a variável Saliência do Verbo não apresentou correlação significativa com o uso das formas imperativas, provavelmente devido ao estágio mais avançado da mudança. Os modelos de regressão revelaram interações entre Situação Comunicativa e Escolaridade, indicando que os falantes com até o ensino médio não apresentam diferenças significativas entre os contextos comunicativos, enquanto os de nível superior favorecem as formas indicativas em situações de pedido.

Em suma, os resultados observados entre as variáveis analisadas oferecem uma compreensão mais profunda das forças que moldam o uso das variantes imperativas, demonstrando que as normas linguísticas estão em constante transformação, influenciadas tanto por fatores sociais quanto por práticas comunicativas específicas adotadas por diferentes comunidades linguísticas.

Referências

- BAAYEN, R. H. *Analysing linguistic data: a practical introduction to Statistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- CARDOSO, D. B. B. *Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. 2009. 165f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.
- EVANGELISTA, E. M. *Fala, Vitória! A variação do imperativo na cidade de Vitória/ES e sua posição no cenário nacional*. 2010. 166f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- FIGUEREIDO, J. G. dos S.; SOUZA, E. S. de. *O uso do imperativo por migrantes baianos em São Paulo: um estudo comparativo*. [S.l.: s.n.], 2017. Comunicação apresentada no VII Encontro de Sociolinguística: Redes e Contato.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HELLWIG, B.; GEERTS, J. *ELAN – Linguistic Annotator*. Versão 4.4.0. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].
- LEVSHINA, N. *How to do Linguistics with R*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.
- MILROY, J. Language ideologies and the consequences of standardization. *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, v. 5, n. 4, p. 530-555, nov. 2001.
- MOLLICA, M. C.; PAIVA, M. de C. Restrições estruturais atuando na relação entre L - R e R - Ø em grupos consonantais em português. *Boletim da ABRALIN*, n. 11, p. 181-189, 1989.
- NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: BRAGA, M. L.; MOLLICA, M. C. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2004, p. 43-50.
- NUNES, L.; SCHWENTER, S. Variability in the form of southern Brazilian Portuguese imperatives. In: 44 NNAV. Toronto, 2015.
- OLIVEIRA, J. M. O imperativo gramatical nas capitais do Nordeste: análise sociolinguística de dados do ALiB. In: LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO, L. M. J. (orgs.). *Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2017, p. 27-44.
- OLIVEIRA, J. M. Wh-Exclamative, Imperative and Interrogative Sentences: Issues on Brazilian Portuguese. In: GUESSER, S.; MARCHESAN, A.; MEDEIROS JUNIOR, P. (Eds.). *Wh-exclamatives, Imperatives and Wh-questions: Issues on Brazilian Portuguese*. Berlin: De Gruyter, 2023, p. 27-44.
- OUCHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 390 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2015.

OUCHIRO, L. *Introdução à Estatística para Linguistas*. Campinas: Editora da Abralin, 2022. Disponível em: <https://ead.abralin.org/>.

PAIVA, M. D. C.; DUARTE, M. E. *Mudança linguística em tempo real*. São Paulo: Contra Capa, 2003.

PAIVA, M. D. C. de. A variável gênero/sexo. In: BRAGA, M. L.; MOLLICA, M. C. (eds.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. [S.l.]: São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 33–42.

PEIRCE, J. W. *Psychology Software Tools E-Prime 4.0*. [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <https://pstnet.com/products/e-prime/>.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. [S.l.: s.n.], 2023. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em: <http://www.R-project.org/>.

SAMPAIO, D. A. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. 2001. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia -UFBA, Salvador, 2001.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso: o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Org.). *O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Frankfurt am Main: Vervuert, 2004, p. 231–260.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 189–222, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1432>. Acesso em: 10 out. 2025.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 51–57.